

"Falar de si" na contemporaneidade: "uma máquina de impostura"?¹

Ana Paula Britto Rodrigues

O que tem sido feito do silêncio no mundo atual? Acabou o silêncio? Se tomarmos o silêncio como tudo aquilo que está solto, que é aleatório, que escapa ao controle e é insolúvel, justamente porque não é passível de ser calculado, cifrado, quantificado, comparado, enfim, avaliado, não restam dúvidas do quanto a contemporaneidade tem se mostrado refratária ao silêncio. Eis que presenciamos nas mídias, nos orkuts, nos blogs, nos facebooks e também em situações clínicas, a crença de ser possível tudo dizer. Assistimos a uma verdadeira profusão do "falar de si".

Ironicamente, o "falar de si" parece se situar, cada vez mais, na via contrária daquilo que é mais estritamente singular para cada sujeito, via também contrária ao que se aposta como final de uma análise: o incomparável do *sinthoma*. Caberia então perguntarmos: em que medida "falar de si" na contemporaneidade é consentir em ser avaliado, é favorecer uma "máquina da impostura"? Basta dizer que a máquina da impostura é a própria avaliação que, segundo Miller, "é a busca metódica, incansável e extremamente maligna do consentimento do outro" ². Trata-se de tomar o sujeito como unidade contável e comparável sob as vestes de uma roupagem científica quando, de fato, ele não tem nada de científico e sim de fanático, de místico.

Se Foucault já nos falava em pleno século XXI de "vigiar e punir"³, constata-se que a palavra de ordem atual é "vigiar e prevenir", e para tal é preciso avaliar infinitamente. Daí o caráter místico da experiência da avaliação, uma vez que seu próprio sentido ultrapassa em

muito sua materialidade. Dito de outra forma, "a avaliação reproduz o momento mítico no qual o significante advém ao homem e no qual uma parte do gozo, o famoso "mais-de-gozar", se perde"⁴.

Sob a bandeira dos "direitos humanos" se exerce um controle sobre o que se chamaria privacidade, que já não sabemos bem o que pode ser, em todos os seus aspectos: nascimento, doença, sexualidade, morte. Observamos essa lógica de poder através de imperativos cotidianos: "Faça o exercício que apaga a tua diferença"; "Adquira a competência que nada te faltará". Em prol da "saúde para todos", o Estado passou a controlar o próprio Estado e a se prevenir de si próprio, assentado sobre a estranha convicção da superioridade da vida biológica sobre todo o restante. De modo desconcertante, com base em padrões normalizadores e em nome dos que devem viver, estipula-se quem deve morrer⁵.

A vida biológica passou a ser então o critério supremo ao qual tudo se subordina, expondo a vida humana à condição de uma *vida nua*⁶, noção resgatada por Agamben da figura do *homo sacer*, oriunda do direito romano arcaico, figura jurídica envolta em uma obscuridade, já que se tratava daquele que ficava fora tanto do direito humano quanto do direito divino. Ele habitaria, portanto, uma zona de indistinção entre a vida humana e a morte consagrada. Para Agamben, o homem contemporâneo, tal como a figura do *homo sacer*, viveria sob um *estado de exceção*, que representaria uma "zona de indiferença entre externo e interno, caos e situação normal"⁷. Trata-se de um espaço vazio onde se verifica uma força de lei sem lei, transtornando as fronteiras do público e do privado.

As consequências de se viver sob um *estado de exceção* incidem sobre o que há de mais fundamental para um sujeito: a relação com a linguagem e o real. Nesses termos é que interrogamos se não haveria diversas nuances do "falar de

si" na contemporaneidade e se, em sua grande maioria, não estariam submetidos a uma máquina de impostura. Não é sem razão que Miller, ao falar da estupidez da avaliação, pergunta qual seria o atrativo das terapias cognitivo-comportamentais e conclui: "por qualquer via que se tome, o atrativo em todas as terapias cognitivo-comportamentais é a afirmação de si" ⁸, é fazer do sujeito mestre de si mesmo, com poderes ilimitados. Eis aí uma promessa que pode ir longe, porque mais um passo e já se está na impostura da auto-avaliação.

Haveria assim um esforço, através da avaliação, de fazer das coletividades sujeito, de dotar o coletivo de uma consciência de si, conferindo-lhes uma autonomia responsável, mas fazendo emergir um Outro ainda mais exigente por ser "parceiro" deles. Deve-se, assim, "falar de si", demonstrar ao Outro um saber que está em constante inflação. Em outras palavras, o que está em jogo nessa lógica, que é sobretudo uma lógica de demonstração, "é um espaço, no qual os coletivos são sujeitos que têm de continuamente demonstrar, sob o olhar do Outro, que se pode confiar neles, exatamente, demonstrar a fim de dar confiança"⁹.

Nessa direção, se com Freud, em *Psicologia das massas e análise do eu*¹⁰ tínhamos a formação do coletivo via identificação ao pai, aos ideais, ao significante-mestre (S1), hoje se tenta formar um coletivo pela via do saber, S2, um saber, é preciso dizer, homogeneizado. Assim, o empuxo a "falar de si" é sobretudo "saber de si", mais que isso, é ter "consciência de si" e, por fim, se auto-avaliar. Tarefa de Hércules? Esforço sensacional ou ambição desesperada? Eis a marcha do homem contemporâneo: acreditar ser possível universalizar o objeto a, acreditar poder dominar o gozo pelo saber.

É sob tais condições que nos deparamos com a predominância de um simbólico a serviço de uma lei

insensata, lei de ferro do super-eu que ordena o gozo. Não é raro na clínica psicanalítica receber pacientes que, ao tomarem a palavra, evidenciam dificuldades de elaboração, já que estão assentados em um simbólico que não produz jogos de sentido e que, por tal razão, resiste ao inconsciente como discurso. O que se verifica nesse "falar de si" é a presença de um gozo opaco, que coloca impasses à clínica psicanalítica contemporânea. Afinal, como fazer falar o que não tem sentido, sem a pretensão de esgotar o próprio sentido? Como atestar o inconsciente diante do real?

"Nomes" do amor... rastro do que não pode ser dito

É inegável como a lógica contemporânea tenta asfixiar a psicanálise, embora ela própria seja tributária da modernidade, fazendo-nos perguntar com Miller: "(...) O que é a psicanálise para entrar essa empreitada e para surgir, ao menos hoje, por ora, como único núcleo de resistência a essa empreitada?"¹¹. Se a psicanálise é, sobretudo, uma experiência que toma o amor como seu ponto-pivô, constitui uma interessante direção frente aos impasses da clínica psicanalítica contemporânea já que, segundo Lacan, "só o amor permite ao gozo condescender ao desejo"¹². Nessa direção, diferentemente de se localizar o amor na experiência analítica somente como algo que é da ordem da metáfora ou como devedor do símbolo e fato de linguagem, o amor também não o é sem sua relação com o gozo, abrindo vias em direção ao real.

Fazendo uso do amor, portanto, torna-se possível nos colocarmos próximos do real com a ressalva de não tomar o amor somente como máscara encobridora, mas como semblante, justamente por este não encobrir nada, mas traçar uma linha até onde se pode ir em direção ao real e ao gozo¹³. Ainda assim é preciso não perdermos de vista uma nova

configuração do amor que tem se apresentado na contemporaneidade, talvez uma espécie de revisão dos ditos sobre o amor, dos nomes do amor. Laurent chega a mencionar uma dificuldade, um embaraço das narrativas amorosas modernas, facilmente identificável não só na clínica psicanalítica como também no campo da literatura e do cinema, em suas mais diversas variantes ¹⁴.

Fim das ideologias, fim das histórias de amor? É a clínica psicanalítica, pela via do caso único, do um a um, que nos dá a resposta a essas questões. Todavia, é evidente "a multiplicação ou refração dos clichês sobre o amor já estabelecidos na literatura" ¹⁵, de modo mecânico e ao mesmo tempo irônico, porque o que está por trás é a impossibilidade de invenção e a descrença de que uma solução singular possa ser aí inventada. Eis que "as cartas de amor e seu esforço de poesia foram substituídos pelas mensagens cifradas e mal escritas enviadas pela internet, num tempo de resposta quase imediato" ¹⁶.

Frente ao empuxo a "falar de si", empuxo ao gozo e à descrença generalizada dos semblantes do amor na contemporaneidade, somos convocados à busca de "um novo amor", solidário ao gozo e não opositor. Afinal é possível tomar o amor por uma via que não seja mera ilusão frente à pulsão e ao gozo. Segundo Caldas "em vez de trapaça, é uma via que permite, justamente por passar pelo semblante, dar ao gozo um destino cultural, sustentar com ele uma parceria que permita o real do sexo"¹⁷. Esse "novo amor" nos coloca, portanto, diante da tarefa de conferirmos um peso à transferência, desde que solidária ao gozo, como o exato recurso que pode manter o sujeito em condições de se distanciar, ainda que minimamente, de seus imperativos de gozo.

Apostar em um "novo amor" é, portanto, poder "falar de si" sem se desesperar diante de um simbólico que rateia, que encontra seus limites e que, por isso, também se faz de

silêncio, daquilo que não pode ser dito, em uma só expressão: o singular do *sinthoma* de cada um.

¹ Trabalho expandido a partir do que foi apresentado, em mesa redonda, no V Encontro Americano de Psicanálise de Orientação Lacaniana (ENAPOL): *A saúde para todos, não sem a loucura de cada um*. Rio de Janeiro: 11 de junho de 2011.

² Miller, J.-A. & Milner, J.-C. (2006). *Você quer mesmo ser avaliado? Entrevistas sobre uma máquina de impostura*. São Paulo: Manole, p. 10.

³ Foucault, M. (1977). *Vigiar e punir*. Petrópolis: Editora Vozes.

⁴ Miller, J.-A. & Milner, J.-C. (2006). *Op. cit.*, p. 25.

⁵ Foucault, M. (2002). *Em defesa da sociedade*. São Paulo: Martins Fontes.

⁶ Agamben, G. (2004). *Homo Sacer - o poder soberano e a vida nua*. Belo Horizonte: UFMG.

⁷ Idem. *Ibidem*, p. 27.

⁸ Miller, J.-A. (2005). *O homem sem qualidades*. Disponível em: <http://www.opcaolacaniana.com.br/antigos/nl/pdf/artigos/JAMera.pdf>, p. 18.

⁹ Idem. *Ibidem*.

¹⁰ Freud, S. (1988[1921]). "Psicologia das massas e análise do eu". In *Edição Standard das Obras completas de Sigmund Freud*, v. XVIII. Rio de Janeiro: Editora Imago.

¹¹ Miller, J.-A. (2005). *Op. cit.*, p. 18.

¹² Lacan, J. (2005[1969]). *O seminário, livro 10: a angústia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, p. 197.

¹³ Caldas, H. (2008). *O amor nosso de cada dia*. In *Latusa - Revista da Escola Brasileira de Psicanálise - Seção Rio de Janeiro* (13). Rio de Janeiro: EBP, pp. 11-18.

¹⁴ Laurent, E. (2007). "Disparidade no amor". In *Curinga - Revista da Escola Brasileira de Psicanálise - Seção Minas Gerais* (24). Belo Horizonte: EBP, p. 21.

¹⁵ Idem. *Ibidem*.

¹⁶ Drummond, C. (2007). "O amor, essa palavra". *Curinga - Revista da Escola Brasileira de Psicanálise - Seção Minas Gerais* (24). Belo Horizonte: EBP, p. 57.

¹⁷ Caldas, H. (2008). *Op. cit.*, p. 11.